

SÉVILLIA, Jean. **O terrorismo intelectual**: de 1945 aos nossos dias. Tradução de Regina Bracco. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2009. 250p.

O MARXISMO COMO O ÓPIO DOS INTELÉTUCIAS E O INTELLECTUALISMO TERRORISTA

Marquessuel Dantas de Souza

Certamente uma obra contra o seu tempo, e por que não dizer, desafiadora e singular no que concerne ao imperioso universo dos intelectuais tidos como agentes de ação “social” transformadora. Ou seja, um manuscrito que avança além dos limites invisíveis sobre a crítica aos supostos intelectuais denunciando-os como terroristas que deixam de realizar o que deveriam promovendo gritantes distorções em seus discursos. Eis, portanto, o que em essência é o livro *O terrorismo intelectual: de 1945 aos nossos dias*, de Jean Sévillia, publicado pela Editora Peixoto Neto, São Paulo, 2009. 250p. Originalmente publicado na França no ano 2000.

Bem entendido, o livro como um todo é um compêndio de denúncias – por parte do autor – principalmente à intelectualidade do século XX em suas diversas vertentes do conhecimento, quer dizer, tanto à filosofia, quanto à sociologia, à psicologia e ao jornalismo, em suma, aos escritores. Muito embora tais acusações sejam direcionadas à intelectualidade do referido século, as queixas do autor servem para o nosso momento e para os nossos pensadores; malgrado suas queixas à inteligência francesa.

De modo geral, Jean Sévillia traça um plano bastante curioso ao dialogar com autores que influenciaram decisivamente cada década a partir de 1945, isto é, aponta, por assim dizer, o que cada um dos mesmos fizeram juntamente com a imprensa francesa aterrorizando a sociedade (francesa e mundial, pois suas investidas ultrapassaram os limites da França) por meio do marxismo doutrinário (subversivo e perverso). – É interessante registrar que um dos autores mais citados em todo o livro é Jean-Paul Sartre; o que nos atraiu em demasia. Autor este que influenciou fortemente toda uma geração, o que deu margem para debates e confrontos acalorados (ver, por exemplo, de Lukács, *Existencialismo ou Marxismo?* no qual o

mesmo critica veementemente o existencialismo burguês sartrerano. Destarte, Lukács também um burguês). A obra aqui apresentada instiga muita reflexão, pois traz muitas citações jornalísticas num material filosófico. O que é bastante estimulador.

Para Sévillia, parafraseando-o, o terrorismo intelectual é um sistema totalitário, mas de um totalitarismo adulator, hipócrita e insidioso. Assim como difuso, multiforme, imperceptível. Uma vez que defendem diversos temas. Não obstante, é uma máquina apoiada em conviências doutrinárias. O autor ainda nos adverte reportando que o poder intelectual é dominado pela esquerda política, tanto dentro quanto fora da academia (isto também ocorre no Brasil). Com efeito, o livro trata de uma abordagem inquietante entre ideais doutrinários oriundas do marxismo e do comunismo. Nesta acepção, “em nome da união da esquerda, nada se pode dizer contra o comunismo” (SÉVILLIA, 2009, p. 95). Por isso, eis tantas ovações, apologias e um profundo encarceramento intelectual no pós-guerra em escala global. Por conseguinte, mais uma vez parafraseando o autor no qual estamos tratando, os ditos intelectuais são os apóstolos de uma religião secular – o comunismo – professada ou revelada por Marx, Lênin e Stalin, cujo proletariado, um autêntico messias (p. 15). Afirmção também reconhecida por Raymond Aron (1955). Nesta acepção, como afirmou sem hesitações Simone Weil: “*o marxismo é completamente uma religião*” (WEIL, 1955, p. 229, grifos nossos).

Como é possível perceber, vê-se que toda uma geração (ainda hoje isso é visível), por inúmeras razões está e estará contaminada por intelectuais marxistas. E se quisermos evitar esse contágio subversivo devemos exigir vigília e esforços rigorosos para não contrair a doença dos burgueses ressentidos (ressentimentos de marxistas, comunistas, socialistas e esquerdistas – supostas mentes brilhantes) cujos mesmos se autodenominam discípulos e seguidores do socialismo de Marx, e traem à suas formações sociais: intelectuais. Quanto a isso, o que observamos é aquilo denominado por Julien Benda de *A traição dos intelectuais*, ou seja, aqueles que se identificam marxistas – já referido – se preocupam muito mais em defender um partido político, uma agremiação, associação ou um sindicato do que realmente se preocuparem com suas ciências e seus meios e seus fins efetivos. Em síntese, com a abrangência do todo social e não apenas com uma parcela da sociedade. Evidentemente, é em nome de uma instituição ou de várias que muitos estudiosos (intelectuais) agem de forma inegável e não verificam a cegueira ou a neurose que os envolvem. Traindo, desse modo, a gênese científica. Expondo paixões e aberrações de todos os tipos possíveis. Nesse sentido, os

intelectuais atuam como marionetes ou fantoches no cenário em que eles não são os autores. Perpetuando ideologias de graus os mais variados e elevados. Resumindo, os intelectuais marxistas discursam uma coisa e vive outra; ou melhor, dizendo, será que os mesmos realmente vivem o que discursam? Afirmamos que eles não vivem de suas retóricas (assim são aqueles de esquerda e muitos dos que simpatizam com o comunismo: todos marxistas. Assim como aqueles de direita. Porém, muitos neguem essa afirmativa e muitos outros ainda nem percebam que são marxistas. Pior, fingem não entender. Isso é lamentável e grave). Desejam igualdade para todos, contudo, não dividem com ninguém seus bens e ainda tem o hábito de subsistir da exploração dos demais. Em realidade, mantêm-se do luxo que a miséria dos outros lhes propõe. Pregam a abolição da propriedade privada, mas não se desfazem de suas próprias propriedades. Neste momento, com o intuito de ilustrar o distanciamento da realidade entre os intelectuais (eruditos) e o povo, é interessante citarmos uma passagem polêmica de Proudhon: “*a propriedade é [um] roubo!*” (PROUDHON, 1840, p. 02, grifo no original). Esses intelectuais ignorantes são todos burgueses e se declaram em favor dos proletários. Vivem a burguesia e se dizem pertencer ao proletariado (que enganação, fraude e farsa preocupantes). – Parece-nos inconveniente explicitar estas passagens, mas é a verdade que não se oculta. Isto ocorre principalmente por parte de professores universitários e seus pupilos submissos e por parte dos escritores (especificamente pós-graduados brasileiros) que abusam em tudo no que diz respeito a vantagens e a privilégios acadêmicos, políticos e sociais. Do mesmo modo acontece com a imprensa e seus agregados hipócritas e, pejorativamente, impostores. Defendem apenas e tão somente seus interesses e nada mais. A população como um todo, que viva de e com sua dor! Portanto, são todos “intelectuais” perversos, subversivos, arrogantes, ridículos e certamente aproveitadores e oportunistas que buscam ao máximo garantir seus privilégios (entenda-se).

Decerto, o terrorismo intelectual é uma ditadura morna em que seus agentes atuam sutilmente de maneira oculta, isto é, exercem suas atividades não de forma autônoma, mas em nome das instituições que os regulam e os mantêm ativos (títulos e economias). Ora, *um intelectual não deve se tornar instituição*. Quando tal fenômeno acontece o estudioso deixa de ser intelectual e torna-se apenas agente para uso institucional (uma mercadoria ou um objeto de e para manipulação alheia).

Muito ironicamente, diante do cenário “Europa”, Sévillia nos coloca: “para matar sua sede de utopia, os intelectuais descobriram uma nova fonte: o Terceiro Mundo” (SÉVILLIA, 2009, p. 55). [Expressão inventada por Alfred Sauvy em 1952]. Neste contexto, conforme o autor em questão, uma revolução nos trópicos é muito conveniente, já que se têm os países pobres contra os países ricos; eis a dialética de sempre: do oprimido e do opressor. Por conseguinte, vê-se que o marxismo revisita o mito do bom selvagem. Para tanto, nos diz Sévillia, “o terceiro-mundismo é uma ideologia, mas as ideologias se desviam dos fatos” (p. 55).

Deveras, a universidade forma seus estudantes dentro de um sistema fechado. E além do mais, toda uma geração é refém das alucinações da época. Objetivamente ligando os pontos entre socialismo e liberalismo, Jean-François Revel [*A Grande Parada*] em “seu último livro denuncia a sedução que o marxismo exerce sobre toda a esquerda ocidental” (SÉVILLIA, 2009, p. 102). Fenômeno disso é a famosa citação de Sartre, cuja mesma Sévillia também a cita: “considero o marxismo como a insuperável filosofia de nosso tempo” (SARTRE, 1960, p. 09). Pois bem, rompendo todos os laços marxistas ou ainda indo contra toda a tradição do marxismo ortodoxo, é fundamental citarmos – nesta perspectiva – o relevante pensador Raymond Aron e sua influente obra: *O ópio dos intelectuais*. Através da cuidadosa leitura desta última pode-se admitir que o marxismo seja o ópio dos intelectuais. Marx em sua trajetória intelectual deixou uma marca ímpar quando disse que “a religião [...] é o ópio do povo” (MARX, 2015, § 378, p. 30-31 [Die religion... Sie ist das *Opium* des Volkes, 1844, 71-72]). Para tanto, é importante ressaltarmos duas advertências de Simone Weil impugnando ou refutando Marx: primeiro ela enuncia que “não é a religião, é a revolução que é o ópio do povo” (WEIL, 1948, p. 206); entretantes, ainda acrescenta ser “o marxismo [...] como um ópio do povo” (WEIL, 1955, p. 229). Comparando-o a uma religião. Evidentemente, compartilhamos com Walter Benjamin quando diz que “o capitalismo é uma religião” (BENJAMIN, 1991, p. 102). É verdade. Todavia, em contrapartida ao pensamento benjaminiano, também é autêntico dizer que *o marxismo é uma religião* (como já nos referimos). Para nós, especificamente, *o marxismo é o ópio dos intelectuais*. Assim como já nos havia advertido Edmund Wilson: “*o marxismo é o ópio dos intelectuais*” (WILSON, 1959, p. 340, grifos no original). Daí que para um intelectual marxista “a revolução é o seu ópio” (ARON, 2016, p. 267). Muito embora Simone Weil nos alerte que “a esperança da revolução é sempre um narcótico” (WEIL, 1951, p. 358). De tal forma que temos uma real

alienação dos intelectuais em todos os sentidos. Contudo perguntemos: é possível afirmar que não há mais marxistas? Muito pelo contrário, “a comunidade intelectual, em sua maior parte, é totalmente influenciada por essa ideologia. Seus defensores concentram-se nas universidades, onde encontram proteção” (SÉVILLIA, 2009, p. 104).

Com efeito, dialogando entre os cânones econômicos e filosóficos (ideologias), Hannah Arendt em *Origens do totalitarismo*, de acordo com Sévillia, “classifica o comunismo na mesma categoria do nazismo” (p. 106). Contudo, os próprios intelectuais acadêmicos e não acadêmicos, não observam esta advertência, ou fingem não observar. Assim sendo, indaguemos: em todo este contexto, os intelectuais não estão recebendo conhecimentos inúteis? Má formação? Consideram-se intelectuais, mas na verdade não são mais do que caricaturados? É interessante reforçar a idéia na qual a face totalitária do marxismo é tamanha que é esquecida. Iludindo e fascinando seus intérpretes incontestes. – Devemos aqui aludir o seguinte: ilusões e fantasias governam os homens. Como nos sugere Jessé Souza: “existe um interesse prático que as ilusões sobrevivam” (SOUZA, 2015, p. 169). E tal fenômeno é muito bem pensado em todos os sentidos inexoravelmente, para que se mantenha.

A tão sonhada revolução proletária é onerosa. Primeiramente porque exige algo que dificilmente é observado ou efetuado: contradizer Marx e os marxistas. Poucos realizam ou realizaram tal façanha. Entre os mesmos Jean Sévillia (2000), Raymond Aron (1955), Simone Weil (1955, sua principal obra) e alguns outros. Quer dizer, sobre a revolução criada por Marx, os intelectuais que “reflitam sobre o mundo, antes de querer mudá-lo” (ARON, 2016, p. 271). Em outros termos, professores universitários e escritores – especificamente – e outros mais, falam de Marx como se esse fosse um deus eterno; o supremo gênio da humanidade. Esquecendo toda uma tradição de grandes pensadores (Platão, Aristóteles, Agostinho, Tomas de Aquino entre muitos). É necessário arriscar uma contra resposta à Marx, bem como aos marxistas. Em todo caso, Marx fala da “ditadura do proletariado” e sempre do “materialismo”. Vejamos as seguintes proposições: “ditadura” requer conflito, violência, submissão e opressão, portanto, é algo ambíguo e contraditório. “Ora, *o proletariado é a condição do proletário*”. E “os marxistas falam de *ditadura da condição dos proletários*” (GOCHOT, 2016, p. 86, grifos nossos). E não diretamente do proletários. Ou seja, com isso percebe-se que a tão sonhada ditadura, ou melhor, a suposta tomada do poder não será

efetivada pelos proletários, mas pelos intelectuais que os representam; sendo estes mesmos submetidos à condição daqueles. Portanto, vê-se a perversidade e a contradição das coisas.

Não obstante, se o próprio Marx discursa sobre o materialismo e o “Estado”, há neste discurso uma simples e desconcertante contradição que, grosso modo, torna-se um paradoxo. O “Estado” como matéria não existe efetivamente, uma vez que é uma idéia (instituição), uma simbologia, uma ideologia e uma criação da mente humana. Não obstante, Mário Ferreira dos Santos acentua: “querer afirmar que as leis dialécticas, essas leis que operam sobre a inteligência humana, são as mesmas dos processos da natureza, é a base da dialéctica marxista” (SANTOS, 1953, p. 63). Bem entendido, Mário ainda acrescenta: “o homem é regulado pelas mesmas leis que regulam sua inteligência” (*Idem*, p. 63). Assim sendo, indaguemos então: se para Marx tudo é materialidade, então como ele afirma o que não existe como materialidade? - [o Estado?]. Se Marx profere a existência do “Estado”, então ele próprio está negando uma negação, ou seja, efetua uma dialética, porém, a mesma se torna insustentável, isto, do ponto de vista no qual estamos defendendo aqui. Perguntemos mais uma vez para que o leitor penetre em nossa análise, entretanto, diretamente: *o que é o Estado?* Há muitas teorias sobre esta proposição. Embora os nossos intelectuais funestos reduzam toda abordagem à Marx (acima de tudo, Marx, nos dizem), como se eles mesmos fossem incapazes de realizarem uma investigação plausível. Portanto, nossos estudiosos se autodenominam incapazes mesquinhos e pior, inferiores. Ora, toda preocupação e problemática de Marx eram confrontar a história da humanidade – de maneira camuflada – em termos religiosos, no entanto, inconscientemente; mesmo que jamais tivesse mencionado ou admito essa amálgama. Ele negava a religião, mas o que escrevia era uma doutrina, uma lei a ser aplicada e seguida. Nas palavras de Simone Weil, “o socialismo dito científico criado por Marx passou ao estado de dogma” (WEIL, 1955, p. 185). Nesta assertiva, nos diz Aron: “o marxismo se desenvolveu a partir de uma crítica da religião que Marx tirou de Feuerbach” (ARON, 2016, p. 58). Marx fora um burguês judeu ressentido, “um burguês insatisfeito, e sua doutrina do materialismo histórico é uma ressaca pervertida de filosofia e economia burguesas” (DAWSON, 2010, p. 315). No mais, “Marx era um idólatra” (WEIL, 1955, p. 210). Eis o porquê do seu anseio pelo materialismo histórico e dialético (espiritualidade versus materialidade), por liquidar a burguesia e discursar amplamente sobre economia e a luta de classes.

Doravante, em meio à idéia de revolução, Sévillia nos propõe: “existe revolução sem terror?” (SÉVILLIA, 2009, p. 143). Conforme Conde de Las Cases (1823), “Napoléon Bonaparte disse que nunca houve revolução social sem terror” (LAS CASES, 1823, p. 521). Na tradução brasileira, de forma surpreende temos: como regra geral “não existe revolução sem terror” (BONAPARTE, 2012, p. 67). Em suma, o que a idéia de Marx nos propõe assim como a dos marxistas – uma revolução proletária – é algo igualmente àquilo que o capitalismo já evidencia: terror e violência entre os povos. Portanto, a revolução do proletariado evocado por Marx e pelos marxistas é uma ação violenta, conflituosa e totalitária: fascismo puro (ver neste sentido, especificamente, *A relação dialética fascismo-comunismo*, de François Furet). Neste contexto, os intelectuais que tanto pregam essa retórica não têm noção do que defendem. Parece que sofreram fraturas na racionalidade. Vive na absoluta escuridão mental, em uma espécie de subjetividade propagando barbárie num mundo que clama por paz. Em realidade, como negam o capitalismo a todo instante, entram num discurso ridículo, vicioso e contraditório: “dizer não a tudo é, afinal tudo aceitar” (ARON, 2016, p. 223). Nesta acepção, podemos utilizar uma passagem curiosa: “como tantos se deixam enganar?” (SOUZA, 2015, p. 239). Uma vez mais Simone Weil nos apresenta sua crítica rigorosa quando admite que “a etapa superior do comunismo considerada por Marx como o último estágio da evolução social é, em suma, uma utopia” (WEIL, 1955, p. 78, grifos nossos).

Com efeito, tal absurdo é derivado, assim acreditamos, do Iluminismo que, por um lado, estragou a humanidade com tantos ideais sem jamais alcançá-los. O capitalismo selvagem é fruto desse modelo. Por vezes, “os ideais do iluminismo engendraram as utopias mais devastadoras” (SÉVILLIA, 2009, p. 107) para os homens, posto que se fez romper com a tradição opressora e criminosa das nobrezas e dos cleros, é verdade, mas se fez perder nas formulações sociais das futuras gerações. Não soube projetar suas idealizações para todo o mundo. Simplesmente ambicionou tudo apenas à Europa (especialmente França, Inglaterra e Alemanha). Que isto nos sirva de alerta. Devemos acrescentar que – categoricamente –, *todo comunismo/socialismo é um capitalismo disfarçado*.

Muito provocativo, Sévillia nos conduz com bastante lucidez em relação aos discursos políticos. Ele aponta que “a esquerda é internacionalista, a direita, ultraliberal” (SÉVILLIA, 2009, p. 172). Enquanto a esquerda é internacionalista e anti-racista, a direita é globalizada e

liberal. Tanto quanto fato social inegável, “o maior problema das elites: o povo” (p. 173). Breve declaração contundente e que estamos de acordo. Apesar disso, no que tange ao comunismo, é preciso ainda fazer algumas considerações. Alain Besançon, nos diz Jean Sévillia, afirma que “o nazismo e o comunismo são criminosos” (p. 175). Embora pareçam regimes ou sistemas diferentes, promove, concomitantemente, terror e violência, numa palavra, barbárie. E sob forte influência de ideologias subversivas (em nosso caso marxismo e comunismo) há uma invasão horizontal e vertical dos bárbaros cujos mesmos são os intelectuais (que regem o pensamento público e privado) que penetram nas culturas solapando seus fundamentos (ver *Invasão vertical dos bárbaros*, de Mário Ferreira dos Santos).

Na França, bem como no Brasil e em outros países, envidam-se todos os esforços para explicar a história do nazismo. Mas devido anos de cultura marxista implantados nessas culturas, não se permitem que se conheça a verdadeira história o comunismo. A que interesses serve essa manipulação da opinião pública? *Marxismo e comunismo são ideologicamente doutrinas*. Perguntemos polemicamente, por assim dizer: Ser marxista, comunista, socialista e esquerdista significam a mesma coisa? Certamente não. Mais precisamente: todo marxista é comunista? Decerto, são perguntas polêmicas, mas que tem como ponto de partida a reflexão. Com isto, buscamos romper e realizando dessa maneira, e, grosso modo, as fissuras abissais necessárias no pensamento brasileiro acomodado há muito tempo. Ou seja, vivemos numa sociedade em que as pessoas e seus sábios (intelectuais corrompidos, terroristas e bárbaros) negam as inovações advindas de outras vertentes do pensamento ou mesmo rejeitam o que não é marxiano ou marxista. Ora, devemos aceitar o fato sobre “o que há no fundo do pensamento de Marx, é uma contradição” (WEIL, 1955, p. 208). Contradição esta “entre o método de análise de Marx e suas conclusões” (*Idem*, p. 195), como nos lembra Simone Weil.

Adendo: é interessante observarmos que algumas obras de Marx só foram publicadas na União Soviética (“Rússia” = Moscou) e, quando muito, simultaneamente na Alemanha (Leipzig) e após a morte de Lênin. Muito estranho esse compartilhamento. Ou seja, durante algum tempo as obras leninistas foram consideradas bastante elevadas no sentido das idéias expostas, isto, em virtude de que o público em geral não tinha acesso aos manuscritos marxianos, na época desconhecidos. Eis a razão da imensa influência de suas obras (Lênin). Depois das publicações dos escritos de Marx (década de 1930), assim podemos compreender criticamente – nota-se o que Lênin fez, grosso modo: copiar Marx disfarçadamente? (apesar

de quase nunca citá-lo?). Bem entendido, perguntemos então: a Revolução Russa ocorreu distorcendo as idéias de Marx? Lênin tinha conhecimento dos manuscritos de Marx antes da Revolução de 1917? Lênin auto se promoveu sendo um novo Marx num país no qual se desconhecia alguns dos trabalhos mais bem intrigantes de Marx? (somente Lênin, Riazanov, Lukács e outros poucos tinham acesso aos originais?). Porque os *Manuscritos de 1844* de Marx, assim como *A ideologia alemã*, por exemplo, só foram publicados exatamente na URSS, pós revolução? Acreditamos que os originais já estavam em Moscou desde o início do século XX e que Lênin teve acesso aos mesmos e sofreu forte influência marxiana. Assim sendo, questionemos amais uma vez: como estes escritos chegaram à Rússia, quem os levou? Por quê? – Não podemos ser ingênuos em acreditar sempre em dados oficiais, pois os mesmos quando nos chegam já passaram por alterações, já foram selecionados e cuidadosamente escolhidos. Chega ao público apenas àquilo que não compromete a quem está publicando (quando não clandestinamente). A história altera muitos dados disponíveis. Ou melhor, *a história é feita por quem a conta*. Neste sentido, para encobrir o que realmente aconteceu, os marxistas ortodoxos negam ou fingem não saber deste fato curioso. – Este parágrafo é asfixiante para os marxistas, uma vez que jamais fazem esses tipos de indagações.

Tanto quanto possível, não podemos deixar de citar necessariamente algumas passagens polêmicas concernentes ao nosso debate. Isto, com a intenção de mostrar a verdadeira face do terrorismo intelectual. Quer dizer, como já dito, poucos arriscaram ou ainda arriscam a dialogar contra a corrente filosófica dos doentes: o marxismo dos marxistas. O narcisismo marxista existe poderosamente e eis aqui alguns pontos. Bem entendido, os próprios marxistas rejeitam este fato, mas “o marxismo é a mais alta expressão espiritual da sociedade burguesa” (WEIL, 1955, p. 174). Os denominados intelectuais eruditos sejam estes acadêmicos, jornalistas ou escritores, especificamente, são todos burgueses e não passam privações na vida. Abominam o capitalismo, mas são todos capitalistas (o capitalismo surgiu da burguesia). Sejam intelectuais de esquerda ou de direita. São todos semelhantes (burgueses). Não obstante, parafraseando Raymond Aron, *o marxismo é uma filosofia de intelectuais* que seduziu e seduz ambiciosamente uma parte do proletariado, e o comunismo se deleita dessa pseudociência para atingir seu objetivo, tomar o poder (p. 95, grifos nossos). Portanto, é notória a confusão e as incertezas entre os marxistas em relação a tudo o que diz respeito ao marxismo e suas intenções. Neste contexto, vejamos duas passagens surpreendentes concernentes às desilusões causadas pelo marxismo e pelo comunismo. Uma

das citações é de Louis Althusser e a outra de Simone Weil. – “Não sei se a humanidade algum dia conhecerá o comunismo, essa visão escatológica de Marx. Em todo caso, o que sei é que *o socialismo*, essa transição forçada da qual Marx falava, é ‘*uma merda*’” (ALTHUSSER, 1992, p. 199, grifos nossos). Além disso, temos: “como teoria da revolução operária o marxismo é um nada” (WEIL, 1955, p. 242).

Retirando a máscara: diante do contexto e de todo o material aqui exposto podemos complementar: fazer uma simples citação, por exemplo, do von Mises (ver sua mais recente publicação no Brasil - *Marxismo desmascarado*) entre estudiosos acadêmicos, principalmente, é, para muitos, ofensivo, todavia de uma audácia extrema por parte daquele que o efetuou. Citá-lo, é algo, por assim dizer, inapropriado entre os acadêmicos estudantes para com os professores, bem como de docentes para com docentes, em suma, de intelectual marxista para intelectual marxista. Posto que deste modo sejam rigorosamente censurados e hostilizados por seus pares ou não pares (medo de saírem dos limites marxistas. Portanto, profissionais restritos ao círculo vicioso do marxismo. Não sabem gerir qualquer coisa sem a aura marxista. São apenas e tão somente ávidos consumidores do marxismo). Infelizmente nossos intelectuais não efetuam leituras para além das margens do marxismo, vivem confinados nesta corrente de pensamento, isto, em virtude de não perderem as ilusões e as fantasias no qual estão envolvidos inflexivelmente. Com efeito, são poucos aqueles que arriscam a sair da zona de conforto em que vivem. Assim entendido, poder-se-ia corroborar que vivemos, sobretudo, numa sociedade de *Menta cativa*, como nos sugere Czeslaw Milosz. E o terrorismo intelectual continua a se prolongar experimentando, muitas vezes sem perceber ou com fingimento, a dormência abrangente e a ingênua ignorância, por sua vez, imaginando serem os atores quando verdadeiramente são apenas e tão somente espectadores em benesses da autopromoção.

Além dos autores aqui citados, é fundamental lembrarmos que os intelectuais marxistas evitam estudar ou reconhecer (Althusser, já citado) Bakunin e alguns dos marxistas heterodoxos, entre eles Jan Wacław Makhaiski (ver *Le socialisme des intellectuels*). É interessante observarmos que os intelectuais marxistas desconhecem alguns autores como Makhaiski, já referido, e Michel Collinet (ver *La tragédie du marxisme*) e Jules Monnerot (ver *Démarxiser l'Université*). Este último nos diz que a universidade está impregnada ou contaminada pelo marxismo; do mesmo modo nos diz que *o marxismo é uma mitologia*. E

apela ou nos adverte ser necessário desmarxizar a universidade. Com efeito, a intelectualidade marxista vive do vômito e do arrote arrogante de seus discursos subversivos (suas retóricas). A imaginação move o mundo. O mundo é uma especulação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **O futuro dura muito tempo**; seguido de Os fatos: autobiografias. Tradução Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 313p.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Tradução Roberto Raposo. Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 832p. (Companhia de Bolso)

ARON, Raymond. **O ópio dos intelectuais**. Tradução Jorge Bastos. São Paulo: Três Estrelas, 2016. 352p.

_____. **L'opium des intellectuels**. Paris: Calmann-Levy, 1955. 337p.

BENDA, Julien. **A traição dos intelectuais**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Peixoto Neto, 2007. 384p. (Coleção Filosofia)

BENJAMIN, Walter. *Kapitalismus als Religion* [Fragment 74]. In: **Gesammelte Schriften**. Hrsg.: Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser. Band VI. 7 Band. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991. 840p.

BONAPARTE, Napoleão. **Manual do líder**. Tradução de Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2012. 159p. (Coleção L&PM Pocket, vol. 869)

COLLINET, Michel. **La tragédie du marxisme**: du manifeste communiste a la stratégie totalitaire. Essai critique. Paris: Calmann-Levy, 1948. 340p.

DAWSON, Christopher. **Dinâmicas da história do mundo**. Tradução de Maurício G. Righi. São Paulo: É Realizações, 2010. 632p.

FURET, François. *La relación dialéctica fascismo-comunismo*. In: FURET, François e NOLTE, Ernst. **Fascismo y comunismo**. Traducción de Victor Goldstein. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1999. 144p.

GOCHOT, Joël. *Anarquismo e trotskismo*. In: MAKHAISKI, Jan Waclav *et al.* Organização e tradução Plínio Augusto Coêlho. **Marxismo e ditadura**. São Paulo: Intermezzo, 2016. 110p.

LAS CASES, Comte de. **Memorial de Sainte-Hélène**, ou journal ou se trouve consigné, jour par jour, ce qu'a dit et fait Napoléon durant dix-huit mois. Tome huitième. Paris: l'Auteur, 1823. 528p.

LUKACS, Georges. **Existencialismo ou marxismo?** Traduit du Hongrois par E. Kelemen. Paris: Éditions Nagel, 1948. 320p. (Collection Pensées)

MAKHAÏSKI, Jan Waclav. **Le socialisme des intellectuels**. Textes choisis, traduits et présentés par Alexandre Skirda. Paris: Éditions Seuil, 1979, 258p. (Collection Points; série politique; 102)

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Lúcia Ehlers. Reimpressão. São Paulo: Expressão Popular, 2015, 56p.

_____. *Zur Kritik der Hegel'schen Rechts-Philosophie*. In: MARX, Karl & RUGE, Arnold (Orgs.). **Deutsch-Französische Jahrbücher**, Paris, Worms et Cie, 1844. 239p.

MILOSZ, Czeslaw. **Mente cativa**. Traduzido do polonês por Jane Zielonko. Osasco: Novo Século, 2010. 248p.

MISES, Ludwig von. **Marxismo desmascarado**. Tradução de Alexandre S. Campinas: Vide Editorial, 2016. 160p.

MONNEROT, Jules. **Démarxiser l'Université**. Paris: La Table Ronde, 1970. 179p. (Collection La Table Ronde de Combat. Série Les Brûlots; 16)

PROUDHON, Pierre-Joseph. **Qu'est-ce que la propriété?** ou recherche sur le principe du droit et du gouvernement. Première mémoire. Paris: Brocard, 1840. 256p.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**. Apresentação Luiz Felipe Pondé. 3ª reimpressão. São Paulo: É Realizações, 2012. 168. (Coleção Abertura Cultural)

_____. **Análise dialéctica do marxismo**. São Paulo: Logos, 1953. 225p.

SARTRE, Jean-Paul. **Critique de la raison dialectique** – précédé de Question de méthode. Tome I. Théorie des ensembles pratiques. Paris: Librairie Gallimard, 1960. 760p. (Bibliothèque des Idées – nrf)

SÉVILLIA, Jean. **O terrorismo intelectual: de 1945 aos nossos dias**. Tradução de Regina Bracco. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2009. 250p.

_____. **Le terrorisme intellectuel: de 1945 à nos jours**. Paris: Perrin, 2000. 262p.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa dominar pela elite**. São Paulo: LeYa, 2015. 272p.

REVEL, Jean-François. **A grande parada: ensaio acerca da sobrevivência da utopia socialista**. Tradução Laís Andrade. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001. 288p. (Biblioteca do Exército; 711. Coleção General Benício; v. 374)

WEIL, Simone. **Opression et liberté**. 10ª édition. Texte écrit en 1934. Paris: Gallimard, 1955. 279p. (Collection Espoir)

_____. **La condition ouvrière**. Recueil de textes écrits entre 1934 et 1942. Paris: Les Éditions Gallimard, 1951, 375p. (Collection Idées, n. 52)

_____. **La pesanteur et la grâce**. Paris: Librairie Plon, 1948. 210p.

WILSON, Edmund. **Memoirs of Hecate County**. New York: L. C. Page, 1959. 447p.